

can see that the soul of the people has remained much the same despite vicissitudes” (p. 177)

Escrito num inglês límpido e fluente, o livro é de agradável leitura e consegue levar o ocidental ao conhecimento da essência do espírito japonês. É um daqueles livros que abrem horizontes novos, despertando no leitor o desejo de conhecer mais, pesquisar mais. Apropriadamente escolhidas, as gravuras ilustram bem o texto, acompanhando as várias fases da arte japonesa.

FRANCESCA CAVALLI

\* \* \*

\*

PRINCE, Gerald — *A Grammar of Stories. An Introduction*. Haia: Mouton, 1973. 106. p.

Qualquer pessoa sabe contar histórias, e cada uma tem certas concepções interiorizadas sobre o que constitui ou não constitui um conto. É conhecimento tácito. Mas, para o estudioso, o crítico, esse conhecimento intuitivo não é suficiente; ele não ajuda a entender melhor a *natureza* dos contos, sejam eles expressos em forma oral, teatral, literária, cinematográfica ou pantomímica. Gerald Prince, professor de letras na University of Pennsylvania, e especialista em literatura francesa contemporânea, tenta mostrar aqui que um número finito de regras explícitas pode dar a razão da estrutura de todos os conjuntos que de modo geral são intuitivamente reconhecidos como contos.

A forma de apresentação escolhida por Prince, uma gramática, é muito apropriada e muito ambiciosa. Tecendo a formulação de regras com a teorização — parte original e parte herdada de outros — ele consegue levar para frente as fronteiras de nosso conhecimento sobre as estruturas narrativas. Essa herança é substancial: Propp, Dundes, Barthes, Bremond, Greimas, Kristeva e Todorov. Apesar da aparente incompatibilidade das teorias tão variadas dos seus predecessores, Prince consegue formular, através de uma lúcida e rigorosa análise, um conjunto coerente de observações e afirmações, deles e suas, que descrevem “todas” as possíveis estruturas dos contos. E, subsequentemente, apoiando-se nas teorias da gramática transformacional de Chomsky, ele lança uma hipótese que indica como um conto pode ser produzido com o uso de um conjunto específico de regras.

Sem querer prejudicar o autor com uma descrição por demais resumida, mas por reconhecer a necessidade de demonstrar a essência da obra, apresentamos uma cápsula do seu conteúdo. Prince descreve um sistema em que cada tipo forma a substância daquele tipo que lhe é superior em complexidade: conto mínimo → conto caroço simples → conto simples → conto complexo. A unidade básica de conteúdo é o evento: existem eventos “estativos” (que descrevem um estado: “João estava feliz”) e eventos ativos (que descrevem uma ação: “João comeu uma maçã”). Esses eventos são combinados através de

elementos conjuntivos (“e”, “então” “como resultado”). Assim sendo, o CONTO MÍNIMO tem a seguinte estrutura: apresenta pelo menos três eventos conjugados de tal maneira que o primeiro (estativo) liga-se ao segundo (ativo) através de um elemento conjuntivo; o segundo está ligado ao terceiro (estativo) por dois elementos conjuntivos um dos quais é idêntico ao primeiro elemento conjuntivo; o primeiro evento precede o segundo em tempo e o segundo precede e causa o terceiro: o terceiro é sempre a inversão do primeiro. Exemplo: “João era rico, então ele perdeu muito dinheiro, então, como resultado, ele ficou pobre”

O CONTO CAROÇO SIMPLES é qualquer conto cujos eventos estão numa ordem espaço-cronológica horizontal, e que contém não mais do que um conto mínimo. Aqui Prince elabora conceitos de eventos narrativos, eventos conjuntivos e episódios, e discute idéias da narratividade e da coesão em contos. Disso surge a Gramática G, que será o núcleo de uma codificação maior. O CONTO SIMPLES é composto de eventos não necessariamente em ordem espaço-cronológica horizontal (usando, por exemplo. *flashback* e *flashforward*), e que não tem elementos básicos superando os do conto mínimo. Prince aqui descreve conceitos como *zeroing* (deixar por fora eventos implícitos: “Comer pizza leva ao mal. João era bom, então um dia, ele comeu pizza”), o código do conto (complexo vs. simples), e transformações (que permitem efetuar certas mudanças em determinadas sequências, desde que essas sequências tenham uma certa estrutura). O CONTO COMPLEXO é qualquer conto que tem dentro de si mais subestruturas do que um conto simples. Nesta parte, Prince trata das técnicas combinatórias (conjunção, alternância e embutimento) e dos fatores de gramaticidade e aceitabilidade dos contos.

Qual é o valor prático desse trabalho? Em primeiro lugar, ele nos permite caracterizar explícita e formalmente os elementos essenciais (as unidades discretas) dos contos; também nos ajuda a criar uma tipologia precisa segundo suas estruturas; e finalmente, nos oferece as ferramentas necessárias para a solução de problemas ainda não resolvidos como as diferenças estruturais entre contos folclóricos e contos literários “sofisticados”, e a determinação — em termos de estrutura — dos tipos “preferidos” de conto em sociedades específicas. Nesse sentido, o estudo de Prince nos lembra muito o “valor prático” da *Poética* de Aristóteles, que nunca teve a ambição (como tem o Professor Prince) de descrever todas as possíveis estruturas de tragédia, mas que, identificando as unidades discretas da obra trágica, nos permite estudar todas as manifestações daquela forma com mais clareza e maior precisão. O próprio Prince reconhece, modestamente, que sua gramática é provavelmente mais um ideal do que uma realidade” Mesmo que as pesquisas na área venham a invalidar, no futuro, a parte mais discutível do trabalho de Prince, que é a teoria da “produção” dos contos, ainda assim o restante da obra será suficiente para garantir sua grande importância no estudo da narrativa.

FREDERIC M. LITTO